

APAV[®]



associação portuguesa de

Apoio à Vítima

Recortes de Imprensa

Fevereiro 2016



Apoio:





Nove das 25 mulheres mortas em 2015 pelos maridos tinham pedido ajuda

Queixas-crime estavam em investigação ou tinham acabado de chegar ao Ministério Público. Um caso foi arquivado por falta de provas. Noutros a vítima pediu a suspensão do processo

Violência doméstica
Ana Dias Cordeiro

Das 25 mulheres que em 2015 foram assassinadas por maridos, amantes ou companheiros – ainda juntos ou já separados –, nove tinham apresentado queixa junto das forças de segurança. As investigações que visavam o cônjuge ou ex-cônjuge que viria a ser o autor do homicídio estavam a decorrer (em cinco casos) ou tinham sido arquivadas (num caso) por insuficiência de provas.

Também foi solicitada a suspensão provisória do processo por duas mulheres que viriam a ser assassinadas em 2015. Esses pedidos de suspensão são feitos para que, passado o prazo definido, o processo seja arquivado e o agressor fique livre da qualidade de arguido, se tiver cumprido as obrigações previstas, como, por exemplo, não ameaçar ou aproximar-se da vítima, ou se der prova de alteração do seu comportamento ou de cumprimento de um programa de tratamento.

Nas informações enviadas ao PÚBLICO pela Procuradoria-Geral da República (PGR), as datas, quando apresentadas, mostram que, nalguns casos, a queixa na PSP ou na GNR foi feita poucos dias – ou poucos meses – antes dos homicídios.

O caso mais extremo ocorreu no início do ano: uma mulher de 52 anos foi assassinada em Setúbal no mesmo dia em que fez a queixa. A denúncia que deu entrada nos serviços do Ministério Público no dia seguinte à sua morte – 22 de Janeiro – tinha sido apresentada na PSP horas antes do homicídio.

Num outro caso, em Ermesinde, a vítima apresentou uma queixa duas semanas antes de ser assassinada. Foi em Julho. Em Sacavém, em Dezembro, uma mulher foi morta pelo ex-companheiro, apenas uma semana depois dos factos que motivaram a queixa, também à PSP.

Para Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para questões da violência doméstica, estes dados têm “pelo menos duas

leituras”. A primeira: “A voz da mulher vítima de violência doméstica ainda tem dificuldade em ser ouvida pela Justiça, e isso está patente neste número de processos”, considera o psicólogo. A segunda: “As avaliações de risco [feitas pelas forças de segurança que recebem as queixas] têm de estar associadas à gestão do risco” em que as mulheres ficam expostas a partir do momento em que se dirigem a uma esquadra. “Gerir o risco é promover a protecção. Quando as pessoas apresentam queixa, imediatamente deviam ser referenciadas por uma organização de apoio à vítima que pudesse reforçar a sua protecção”, considera.

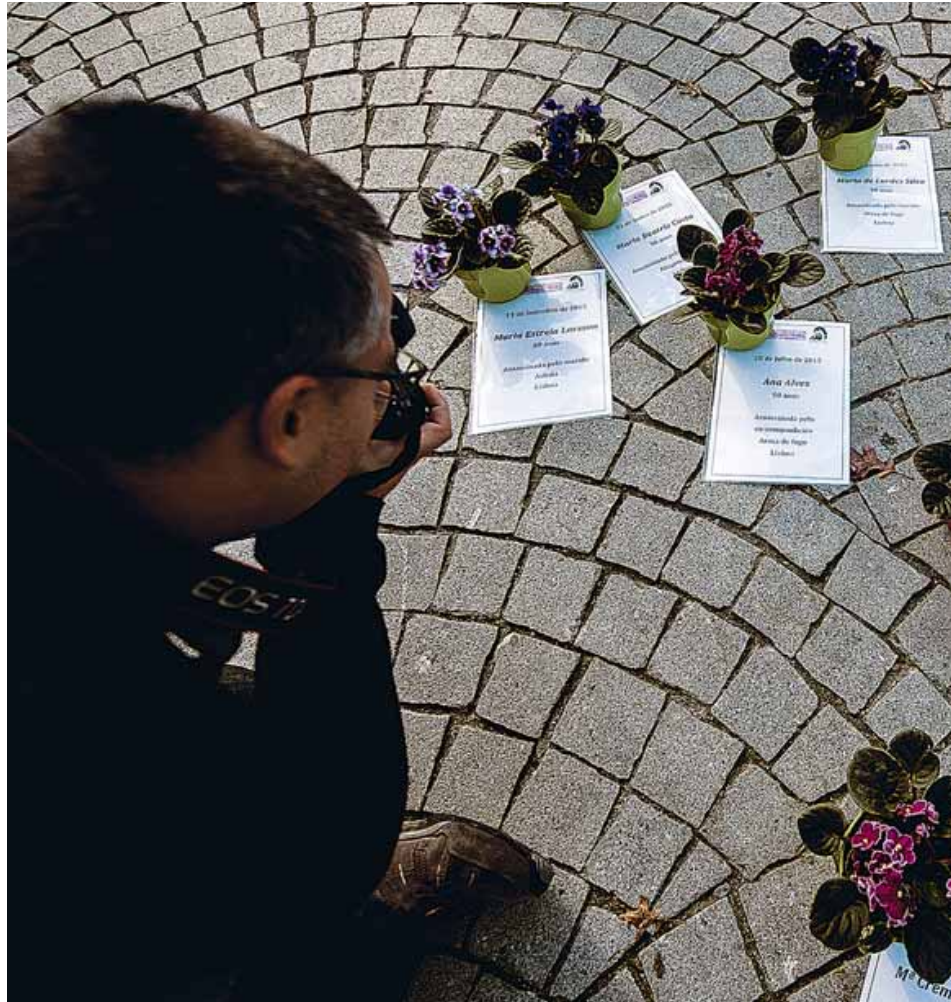
E insiste num aviso, várias vezes repetido: “O risco aumenta quando as mulheres apresentam queixa” e quando os suspeitos começam a ser notificados para interrogatório na PSP ou para depor em tribunal.

Nos primeiros dias de Agosto, no Bombarral, uma mulher de 51 anos apresentou queixa na GNR. Era submetida a agressões verbais e a pressão psicológica, antes de o companheiro passar à agressão física, o que motivou o fim da relação e a denúncia. Seis semanas passaram. O denunciado passou a arguido. Dois dias depois matou a mulher. A relação durava há um ano e meio, escreveu o *Jornal das Caldas* que noticiou em título “Matou ex-companheira por vingança de queixa por violência doméstica”.

Na maioria dos casos em que houve uma denúncia, pode haver alto risco, “mas esse risco não é gerido”, diz Daniel Cotrim. Ou seja: “Não são accionadas medidas de protecção imediatas, nem há medidas de coacção aplicadas ao suspeito.”

Numa denúncia que indicia “alto risco” ou “situação urgente”, “as medidas de coacção do arguido ou as medidas de protecção da vítima devem ser aplicadas em 48 horas”. As medidas de protecção da vítima – como a tele-assistência ou vídeo-vigilância – dependem do consentimento do agressor.

O jurista e também assessor técnico da APAV Frederico Moyano Marques acrescenta que, quando o risco



TRÊSPERGUNTAS A DANIEL COTRIM

“Enquanto duvidarmos da palavra das vítimas, vão continuar a morrer pessoas”

As mulheres vivem hoje situações muito mais graves em poucos anos de relação, até à primeira denúncia, do que viviam há uns anos, diz Daniel Cotrim, psicólogo e assessor da direcção da APAV. **Os dados sugerem que as mulheres em perigo denunciam tarde de mais?**

O tempo das vítimas não é o tempo da Justiça. Há dez ou 15 anos, as mulheres viviam as situações de violência durante 20 ou 30 anos. Agora, as

mulheres vivem relações de seis anos até à primeira denúncia. É muito mais grave em seis anos do que era há dez ou 15 anos. Elas sabem que estão a ser vítimas de um crime. Os tempos são mais reduzidos. A própria idade das vítimas alterou-se, são mais jovens. E a violência doméstica não está apenas em sítios recônditos ou em bairros sociais, está nos agregados familiares diferenciados.

As dúvidas em denunciar continuam a ser as mesmas?

Muitas vezes, a vítima não se sente protegida e por isso cala-se. E está cansada de repetir vezes sem conta a sua situação: à PSP, ao juiz de instrução, e em sede de julgamento, muitas vezes, o juiz vai querer voltar a ouvi-la mesmo quando há depoimento para memória futura. Enquanto nós duvidarmos da palavra das vítimas no que toca a crimes contra as pessoas, vão continuar a morrer





**Flores partidas,
nem uma mais! foi a
iniciativa com que a
União de Mulheres
Alternativa e
Resposta (UMAR)
homenageou em
Dezembro, no
Porto, as vítimas de
femicídio de 2015**



PAULO PIMENTA

nem sempre são entendidos como prova. “O testemunho da vítima não é suficiente”, diz Daniel Cotrim. E quando não existem marcas físicas ou depoimentos de testemunhas, não é possível obter prova. “Não se acredita logo na palavra da vítima” para aplicar as medidas de coacção, diz Daniel Cotrim.

Frederico Moyano Marques entende, por seu lado, que “em regra” se a denúncia do órgão de polícia criminal segue para o MP acompanhada de uma avaliação de risco elevado, será porque esta já tem “associada situações de violência física”, com relatórios médicos, ou ameaças graves, quando há conhecimento de distúrbios, dependência de álcool ou de drogas, ou quando se comprova a posse de armas pelo cônjuge.

32

Mulheres foram alvo, em 2015, de tentativas de homicídio protagonizadas por um actual ou antigo marido ou companheiro

São as avaliações de risco que definem a urgência dos procedimentos judiciais ou a celeridade com que este deve correr, mas também a frequência e tipo de vigilância prestada pelas equipas de proximidade e apoio à vítima da PSP.

Podem haver situações em que o risco é tido como baixo, e o caso vir afinal a revelar-se urgente, como aconteceu com a mulher assassinada em Setúbal, em Janeiro. Foi morta depois de a sua denúncia ter recebido uma avaliação de “baixo risco”, recordam vários jornais.

“As avaliações de risco não são previsões certas. Não salvam vidas, nem podem ajudar a prevenir situações de maior violência ou de morte”, diz Daniel Cotrim. “É preciso trabalhar, com as vítimas, planos de protecção adequados para manter esta pessoa, de alguma forma, protegida por organismos públicos e privados”, como os centros de saúde ou os gabinetes de apoio.

“As redes de protecção especializadas existem, mas apenas alguns pontos do país”, diz. “Muito tem sido feito”, reconhece, com a criação de gabinetes de apoio à vítima e de equipas ou redes móveis. A situação melhorou, por exemplo, em Lisboa, ou na cidade do Porto. “O que é preciso é estender [esses novos modelos] a outros sítios”, conclui.

peçoas.

Durante esse processo, a vítima por vezes deixa de colaborar. Outras vezes, pede suspensão. Tem dúvidas sobre o que está a fazer. Isso compromete o processo?

Pode haver ambivalência e podem existir dúvidas e nós temos de respeitar o direito das vítimas às dúvidas. Devíamos estar muito centrados naquilo que aconteceu e fazer a recolha da prova. A questão da prova é muito importante.

é elevado, “o órgão de polícia criminal [que recebe a denúncia] leva-a imediatamente ao conhecimento do Ministério Público (MP), no sentido de este promover junto do juiz de instrução criminal uma ou mais medidas de coacção”. Estas limitam os movimentos do agressor, com ou sem pulseira electrónica, impedindo-o de se aproximar da vítima, ou resultam, no limite, na medida mais gravosa, a prisão preventiva.

Depois das recentes alterações de 2015, a necessidade de acompanhar a denúncia dos resultados da avaliação de risco passou a estar prevista na lei. E isso é positivo, avalia Frederico Moyano Marques.

Por outro lado, as medidas de coacção são decididas por um juiz, na presença de provas, e os indícios



ID: 62966965


**INQUIETAÇÕES
 PEDAGÓGICAS**

O que é afinal o Cyberbullying?

Carlos Pinto de Abreu*

¶ **Cyberbullying:** da violência psicológica encapotada ao temor de perder a ligação ao mundo virtual, entre a indiferença e a inércia, da cobardia à insensibilidade, há que perceber os contraditórios sinais do tempo presente em que os avanços tecnológicos são, também, mal aproveitados para causar, e potenciar, novas patologias sociais.

A velocidade dos acontecimentos é vertiginosa, as crianças, adolescentes e jovens fecham-se em casa e auto aprisionam-se atrás dos gadgets, as responsabilidades dos pais e dos educadores são, cada vez mais, difíceis de cumprir, pela disparidade das linguagens, pela complexidade dos artefactos tecnológicos, pela miríade de apps, pelos *skills* próprios de cada geração, que não ajudam à compreensão recíproca, sobretudo se não houver conhecimento e diálogo, paciência e tolerância.

Sem este esforço de aproximação intergeracional não admira que haja uma insensibilidade às novas agressões, uma desatenção permanente dos cuidadores, uma ausência de proteção das vítimas e, até, mesmo quando tocam os alarmes, uma demonização dos agressores, quantas vezes, também

eles, vítimas ignoradas.

Assiste-se a um crescendo de agressividade e de ofensa verbal em ambiente digital, como se este fosse um espaço de impunidade ou um escape para os demónios que atormentam os utilizadores e um pelourinho que assola os visados num contexto de pobreza, superficialidade e 'danosidade' do discurso moderno. Certo é que não há, em Portugal, um crime específico de *bullying* ou, muito menos, de *cyberbullying*. O intérprete e o aplicador da lei têm que recorrer a crimes clássicos como os de injúria, difamação, devassa da vida privada, ameaça, coação, extorsão, coacção sexual, pornografia de menores devassa por meio informático, violação de correspondência ou de telecomunicações, etc., para a proteção e perseguição dos atos mais gravosos.



O que é, afinal, o *cyberbullying*?

Belsey, em 2006, definiu-o como o "uso de tecnologia de comunicação e informação como forma de levar a cabo comportamentos deliberados, repetidos, hostis contra um indivíduo ou contra um grupo, com a intenção de causar um dano". Cinco anos depois, em 2011, Sullivan descreveu-o como "sujeição sistemática a humilhações públicas, a ameaça, a extorsão ou agressões" neste caso a agressões de natureza psicológica ou de cariz sexual em contexto digital.

E quais são as suas características específicas? Esta realidade nasce de uma ofensa exclusivamente psicológica, quase sempre por parte de um agressor anónimo, ou que se sente como tal, com difusão imediata e disseminação rápida de conteúdos ofensivos pela internet, gerando um registo eletrónico perene e, na maior parte das vezes, com a agravante de um papel ativo das testemunhas de agressão que colaboram na exposição, na divulgação e na vitimização. Quase sem exceções, as vítimas apresentam uma especial vulnerabilidade que normalmente tem que ver com a sua real ou percebida diferença, ou de idade ou de género ou de compleição física, com alguma característica física

• 7% das crianças com idade entre os 14 e os 16 anos dizem ter sido vítimas de usos indevidos da sua password, 4% da sua informação pessoal e 1% de fraudes monetárias.

• Portugal é o país europeu com a menor taxa de abusadores e a segunda menor taxa de vítimas de *cyberbullying*.

• O risco de se vir a ser um provocador online (1) aumenta 48% se for rapariga, (2) aumenta 30% por cada hora a mais passada na internet e (3) aumenta 31% se o jovem ou a jovem tem outros comportamentos de risco na internet.

• Num ano (2010), a autoridade judiciária recebeu 1 queixa de *cyberbullying* por dia a nível nacional e investigou 145 casos em Lisboa.

• 59% das crianças portuguesas com idades entre os 9 e os 16 anos têm um perfil numa rede social, 25% têm um perfil público a que todos podem aceder e 7% têm ainda a morada ou o número de telefone no perfil da rede social.

• 5% das crianças portuguesas entre os 9 e os 16 anos dizem já se ter

encontrado com pessoas que conheceram na internet, e 16% dizem que ainda mantêm contacto com essa pessoa.

• 61% dos pais cujas crianças se encontraram pessoalmente com alguém que conheceram na internet, desconhecem esse facto.

• 5% das crianças portuguesas dos 9 aos 16 anos afirmaram ter tido experiências de *cyberbullying* pelo menos uma vez na vida.

• 30% das crianças europeias, dos 9 aos 16 anos, já falaram com alguém que não conhecem pessoalmente. 9% das crianças europeias entre os 9 e os 16 anos já se encontraram com pessoas que conheceram através da Internet.

• 78% das crianças portuguesas com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos utiliza a internet, estando entre as crianças europeias que mais utilizam a internet nos seus quartos (67%).

• 49% das crianças portuguesas entre os 9 e os 16 anos dizem sentir que fazem uso excessivo da Internet.

inusual, ou, até, com a pertença a uma minoria racial, religiosa, étnica ou de orientação sexual ou, finalmente, por uma qualquer deficiência, de natureza motora ou cognitiva.

Não é um problema menor que possa ser ignorado ou menosprezado, pois gera medo, ansiedade, pânico, depressão, alteração de comportamento, instabilidade ou labilidade emocional, aumento da reatividade e agressivi-

dade, dificuldade em manter relações interpessoais, alteração do rendimento escolar/académico/profissional, isolamento social, absentismo ou insucesso escolar e, por vezes, consumos aditivos ou destrutivos e atos de violência autoinfligida ou, mesmo, suicídio. Há que estar atento e agir. ¶

*Advogado e membro da direção da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)

ESPECIAL

SAIBA COMO AGIR

Diga NÃO à violência contra

Apesar de alguns progressos, os números ainda assustam e mostram que é preciso tomar uma atitude

Só no ano passado, 29 mulheres foram assassinadas e, dessas, 15 morreram às mãos de um marido, companheiro ou namorado. Ou de um “ex” ciumento, que não conseguiu lidar com a separação. Este ano, infelizmente, já há notícias de mais crimes. Segundo o Observatório das Mulheres Assassinadas da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), os números têm vindo a baixar em Portugal, mas o drama continua. A violência doméstica é uma realidade dura, que afeta inúmeras mulheres, contudo, são muitas as



Janeiro, março e abril foram os piores meses de 2015

vítimas que ainda se calam. **“Autoestima baixa, vergonha de assumir as agressões e receio de se incompatibilizar com filhos/família motivam muitas vezes o silêncio”**, diz a psicóloga Andrea Lorena.

Para piorar, também é raro as testemunhas da agressão tomarem uma atitude. Reunimos nestas páginas algumas informações importantes que a podem ajudar a lutar contra este flagelo. ■

Se foi vítima de uma agressão...

...procure sempre um hospital, centro de saúde ou médico particular, mesmo que não apresente sinais externos de violência. Peça a um familiar ou amigo que a acompanhe. Se foi vítima de violação, não deve lavar-se até ser observada por um médico. Guarde, sem lavar, a roupa que vestia no momento. Nas áreas de Lisboa, Porto e Coimbra pode dirigir-se ao respetivo Instituto de Medicina Legal. Fora destas áreas, recorra a hospitais.

Presenciou uma agressão?

Demonstre o seu apoio à vítima. Incentive-a a ir à polícia e a avançar com uma queixa. Explique-lhe que as autoridades só podem tomar medidas – como afastar o agressor – se souberem do ocorrido. **“Mas jamais force a pessoa a tomar atitudes. Escute-a, dando tempo para que ela decida agir”**, diz a psicóloga. Se a vítima quiser denunciar, acompanhe-a e ofereça o seu testemunho.

a mulher!



Mesmo que tenha medo, denuncie. Além de punir o agressor, isso vai ajudar outras possíveis vítimas!

Tipos de violência

- **Maus tratos físicos:** pontapear, esbofetear, atirar coisas
- **Isolamento social:** restringir o contacto com a família e amigos, proibir o uso do telefone, negar o acesso a cuidados de saúde
- **Intimidação:** por ações, palavras ou olhares
- **Maus tratos emocionais, verbais e psicológicos:** ações ou afirmações que afetam a autoestima
- **Ameaças:** à integridade física, de prejuízos financeiros
- **Violência sexual:** obrigar a vítima a práticas sexuais
- **Controlo económico:** negar o acesso ao dinheiro ou a outros recursos básicos; impedir a sua participação no emprego e educação

Quem são as vítimas?

Este é um problema transversal, independente de fatores sociais, económicos, culturais ou etários. Embora seja exercida na grande maioria sobre mulheres, atinge direta ou indiretamente crianças, idosos e outras pessoas mais vulneráveis ou com deficiência física. Apesar de cada vez mais se chamar a atenção para um aparente aumento das vítimas de sexo masculino, a esmagadora maioria ainda é do sexo feminino.

Quem pode fazer a denúncia?

Em Portugal, a violência doméstica é, desde 2000, um crime público. Isto significa que a queixa não tem de ser feita obrigatoriamente pela vítima, bastando uma denúncia ou o conhecimento do crime para que o Ministério Público atue. O procedimento criminal inicia-se com a apresentação de queixa por parte da vítima ou da denúncia do crime por qualquer pessoa ou entidade, numa esquadra da PSP, posto da GNR, Polícia Judiciária ou diretamente no Ministério Público.

Em 2014, **3 mulheres por hora** fizeram queixa por violência doméstica

16.881 foi o número de crimes de violência doméstica (maus tratos físicos e psíquicos) registados em Portugal em 2014

De acordo com um estudo da Univ. do Minho sobre violência no namoro, **1 em cada 5 jovens é vítima** de comportamentos emocionalmente abusivos

Nos últimos 11 anos, foram **428** mulheres e houve **497 tentativas** de crime



ESPECIAL

TESTEMUNHO REAL

"Fui agredida pelo meu pai pela primeira vez aos 6 anos. Quando pensava denunciá-lo, ele ameaçava a minha mãe de morte. Entretanto, fazia coisas horríveis. A minha mãe tentava defender-me, mas não conseguia. Uma vez, vi-o com uma amante. Não contei à minha mãe, mas ela descobriu e ele achou que fui eu. Por isso, partiu-me o braço. O médico perguntou o que tinha

acontecido e eu respondi que tinha caído de uma árvore, mas, um dia, não aguentei e denunciei o meu irmão. A acusação era por calúnia e difamação – ele insultava-me na net – e agressão, após um episódio com a minha filha. O processo está em andamento. Tenho depressão e vivo com essas lembranças horríveis, mas acredito que vou ultrapassar."

MARIA, 38 anos

Contactos úteis

Poiçia de Segurança Pública – Contacte a esquadra da área da sua residência

Linha Nacional de Emergência Social (LNES) – 144

Serviço de Informação a Vítimas de Violência Doméstica – 800 202 148

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) – 707 200 077

UMAR – 218 867 096

Associação de Mulheres Contra a Violência – 213 802 160

Casa da Mãe – Obra de promoção social do distrito de Coimbra – 239 827 666/963 667 059

UMAR Açores –

Associação para a Igualdade e Direitos das Mulheres (Deleg. da Ilha Terceira) – 295 217 860

Associação Presença Feminina (Funchal) – 291 759 777



Em "A Única Mulher", Luená sofre às mãos de Rodrigo, o "ex"

Os casos das novelas



Miguel é violento e agride a namorada, Beatriz, em "Coração d'Ouro"

O tema da violência doméstica e dos maus tratos é frequentemente abordado na ficção. Muitas vezes, a decisão dos guionistas é fazer o público falar sobre o assunto e até esclarecer algumas questões. Atualmente, nas duas novelas mais vistas da TV portuguesa, na TVI e da SIC, há duas mulheres que sofrem às mãos de companheiros violentos.

Seminário «Violência no Namoro» decorreu em Loulé

O Cine-Teatro Louletano foi palco, no passado dia 27 de janeiro, de um seminário promovido pelo Comando Territorial de Faro da Guarda Nacional Republicana subordinado ao tema «Violência no Namoro», uma matéria que está cada vez mais na ordem do dia.

Esta iniciativa, que contou com o apoio da Câmara Municipal de Loulé, teve como público-alvo os profissionais de diversas áreas, nomeadamente do quadrante da ação social, estudantes e população em geral, constitui-se como um espaço de reflexão e debate em torno de um fenómeno que atinge cada vez mais a sociedade atual.

Tratou-se de um seminário onde foi feita uma abordagem generalista ao tema, mas que contou com um painel multidisciplinar de oradores, com o objetivo de reforçar o carácter educacional desta matéria, através da exposição e debate entre os participantes.

A sessão de abertura contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Loulé, Vítor Aleixo, que reforçou a ação do Município na área social e o apoio a associações que atuam na área da violência doméstica e, neste caso específico, na violência no namoro. Seguiu-se uma intervenção do Tenente-Coronel Luís Sequeira, chefe da Secção de Informações e Investigação Criminal da GNR que veio falar sobre "Violência no namoro no contexto das vítimas específicas – O Projeto IAVE da GNR".

A gestora do Gabinete de Apoio à Vítima (APAV) de Loulé, Júlia Cardoso, trouxe a lume as questões que se prendem com a prevenção e apoio.

Seguiu-se uma apresentação de Marta Chaves, coordenadora regional da Ação de Saúde para Crianças e Jovens em Risco (ASCJR) e do Grupo de Acompanhamento da Ação de Saúde sobre Género, Violência e Ciclo de Vida (ASGVCV) que abordou "A saúde e a violência ao longo do ciclo de vida". No último painel, o 1º Sargento Luís Costa e a Cabo Ana Santos deram a conhecer o Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas (NIAVE).

A sessão de encerramento esteve a cargo de João Martins, vereador da Câmara Municipal de Loulé com o pelouro da Ação Social.

Para os responsáveis da GNR, este evento pretendeu mostrar que "o papel da Guarda Nacional Republicana não se esgota na sua característica missão policial e de segurança mas também se revela nestes momentos de reflexão".





No Dia dos Namorados, APAV lança campanha contra a violência

Ela tem um corte na sobrancelha. Está marcada. Ele tem uma nódoa negra. Está marcado. As duas imagens fazem parte de uma nova campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que é lançada hoje, Dia dos Namorados, no Facebook. O mote é: “Se te marcam, já sabes com quem partilhar.” Os jovens, entre os 13 e os 25 anos, são o público-alvo, explicou ao PÚBLICO Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção da associação.

Pouco romântica, esta campanha? Nos últimos dias, vários estudos recentes têm dado conta de “números alarmantes”, lembra Daniel Cotrim. Na sexta-feira, a União de Mulheres Alternativa e Resposta revelou que um em cada seis jovens acha normal forçar relações sexuais. Ontem, foi notícia que o Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF) analisou, em 2015, mais 44% de casos relacionados com violência no namoro. Há vítimas de 14 anos. Na maior parte dos casos, os agressores são homens.

Daniel Cotrim diz que estes números mostram duas coisas: que “mais rapazes e raparigas estão sensibilizados para denunciar” num país onde isso está facilitado porque “a violência no namoro é, na lei, violência doméstica”; e, por outro, que “é preciso que toda a gente trabalhe na prevenção, para a igualdade e para a cidadania”. “Se calhar, achávamos que havia mitos e estereótipos que tinham sido destruídos mas, na verdade, continuam muito presentes entre os mais jovens”, explica. E uma das ideias “ainda muito vincadas” é a “do poder dos homens face às mulheres”.



Os dois cartazes da campanha



“Se Te Marcam Sabes Com Quem Podes Partilhar”

É a nova campanha da APAV contra a violência no namoro

> “Se te marcam sabes com quem podes partilhar” é a mais recente campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) no âmbito da sensibilização para a violência no namoro entre jovens.

As imagens criadas apelam a um debate e consciencialização da sociedade para um flagelo que incide nas camadas mais jovens e insistem na necessária apreensão da violência, quer física como psicológica, como atentados à integridade humana.

A violência física é infligida diretamente no corpo através de esmurrar, pontapear, estrangular, provocar queimaduras, empurrar contra objetos ou apertar com demasiada força e deixa marcas visíveis.

A violência sexual é de cariz físico e implica o forçar o companheiro a ter relações sexuais quando não quer, pressionar, forçar



ou tentar a manter relações sexuais desprotegidas ou forçar a que tenha relações com outras pessoas.

A violência psicológica diz respeito a uma necessidade de controlo e domínio sobre a vítima - parte ou estraga objetos, define o que pode vestir, controla os

tempos livres e momentos do dia, liga ou envia constantemente mensagens, ameaça e utiliza estratégias de pressão psicológica, destrói a autoestima.

Daniel Cotrim, assessor técnico da Direção da APAV, refere que «não podemos permitir que os nossos jovens pensem na violência, quer física como psicológica, como normal e que desculpem atos de abusos. Estamos a formar o futuro da nossa sociedade sem a educarmos ou esclarecermos. Violência não é normal nem pode ser perdoada. É urgente alterar mentalidades. Estar consciente. Hoje».

Simbolicamente lançada no dia 14, Dia dos Namorados, como uma partilha nas redes sociais, a campanha contou com o apoio de algumas figuras públicas como Catarina Gouveia, Jessica Athayde, Rui Maria Pêgo, Maria Botelho Moniz, Diana Bouça-Nova, Susana Arrais, Andreia Rodrigues, Blaya, Gabriela Barros, Irma Dali, Susana Arrais, João Paulo Sousa e Ana Luísa Barbosa.

A campanha é dirigida a um público entre os 13 e os 25 anos e assenta numa estratégia de aproximação à linguagem utilizada pelos jovens - as redes sociais, e é composta por duas imagens em que as vítimas são distintas e a forma de violência sobre as mesmas também. Um homem e uma mulher. Violência física e violência psicológica.

Sobre a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV):

A APAV é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), sem fins lucrativos, e pessoa coletiva de utilidade pública reconhecida, que tem como missão social o apoio às vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de quali-

dade, gratuitos e confidenciais e contribuindo para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Desde 1990, a APAV tem apoiado um número crescente de vítimas de crime, num universo estimado de mais de 270.000 pessoas. De forma geral e especializada, gratuita e confidencial, a APAV apoia vítimas de todos os crimes, a nível psicológico, jurídico e social, através da sua rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima (Albufeira, Braga, Cascais, Coimbra, Faro, Lisboa, Loulé, Odiveelas, Ponta Delgada, Portimão, Porto, Santarém, Setúbal, Tavira, Vila Real), da Linha de Apoio à Vítima (116 006), das três Casas de Abrigo para mulheres e crianças vítimas de violência doméstica e tráfico humano e das redes especializadas de apoio a vítimas migrantes, amigos e familiares de vítimas de homicídio e crianças e jovens vítimas de violência sexual.

A APAV a tua também no panorama nacional enquanto entidade formadora interna e externa, acreditada pela DGERT - Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho, sob diversas temáticas no âmbito da vitimologia e criminologia. •

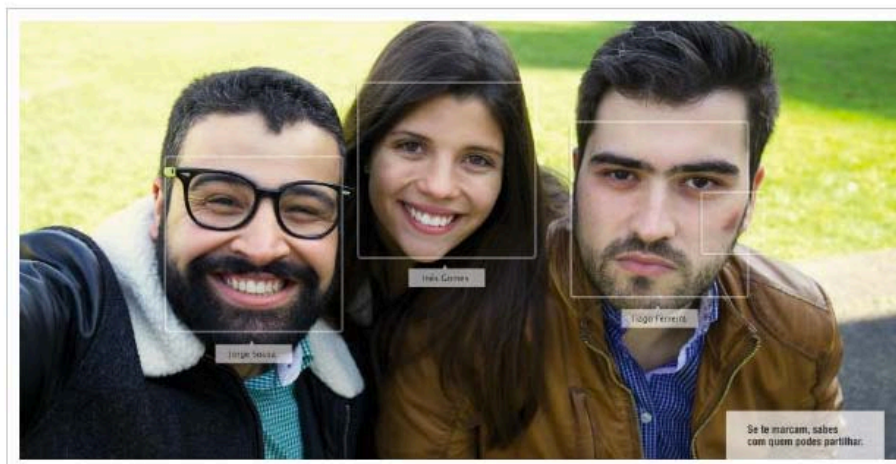
BRIEFING

Os Negócios do Marketing

Carmen convida a partilhar “marcas” com a APAV

segunda, 15 fevereiro 2016 12:30

tamanho da fonte   | [Imprimir](#) | [E-mail](#)



No âmbito da efeméride que celebra o amor, a APAV aposta numa campanha para sensibilizar a população mais jovem sobre os maus tratos e abusos durante o namoro. "Se te marcam, sabes com quem podes partilhar" é o mote das imagens de alerta criadas pela Carmen, agência criativa do YoungNetwork Group.

Trata-se de uma campanha de sensibilização com particular enfoque nas redes sociais e que assinala uma nova abordagem da APAV, que comunicava "sempre para mulheres e homens através de imagens escuras, assustadoras e perturbantes", afirma a instituição em comunicado.

"Esta campanha é mais leve na imagem mas igualmente pesada no conteúdo. Apela a jovens, uma faixa etária não muito explorada pela instituição e utiliza uma imagem de felicidade dissimulada", informa fonte da instituição. Ao contrário das habituais campanhas da APAV, direcionadas sobretudo para mulheres, desta vez o homem também é vítima.

A APAV vem desta forma promover a Linha de Apoio à Vítima (116 006, chamada gratuita) e a rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima, onde a instituição está disponível para apoiar.

briefing@briefing.pt

Delas

ATUALIDADE VIOLÊNCIA

APAV contra a violência no namoro

14/02/2016



“Se te marcam sabes com quem partilhar”. Este é o lema da nova campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ([APAV](#)) especialmente pensada para a prevenção e de olho na violência física e psicológica no namoro entre jovens. Uma iniciativa que vai tomar conta das redes sociais em dia de celebração do amor, Dia dos Namorados.

MARKETEER

APAV abandona abordagem violenta e foca-se nos jovens

🕒 14/02/2016 📁 Notícias 💬 0



A mais recente campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) deixa para trás o tom pesado com que tem tratado o assunto até aqui. Com o mote "Se te marcam, sabes com quem podes partilhar", a associação está a apostar numa abordagem menos assustadora e chocante para chegar a um público menos explorado: os jovens.

APAV lembra: "Se te marcam, sabes com quem podes partilhar"

Em dia de celebrar o Dia dos Namorados a APAV lembra que a violência não é exclusiva de parceiros casados.



Para assinalar o Dia dos Namorados, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou uma nova campanha de sensibilização.

^{PUB} Chama-se "se te marcam, sabes com quem podes partilhar" e não é só uma referência ao que se faz no Facebook mas sim ao que acontece numa relação disfuncional.

Lembra-se, assim, as vítimas de violência no namoro que a APAV está disponível para as ajudar através da Linha de Apoio à Vítima (116 006, chamada gratuita) e da rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima.

Violência que não é exclusiva no casamento e que pode assumir diferentes formas: violência verbal, violência psicológica, violência física e/ou violência sexual.

Num comunicado enviado às redações a APAV revela que esta campanha foi produzida de forma mecenática pela CARMEN, agência criativa do YoungNetwork Group.

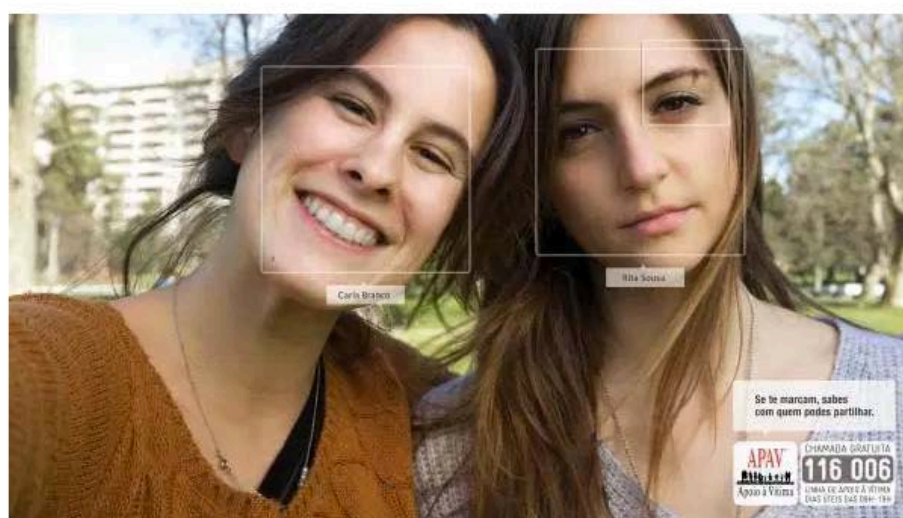
Nem só as mulheres são vítimas. Saiba mais sobre a violência doméstica no masculino numa reportagem do **Notícias ao Minuto** que pode ler [aqui](#).



NOVA CAMPANHA DA APAV: VIOLÊNCIA NO NAMORO: “SE TE MARCAM, SABES COM QUEM PODES PARTILHAR” por clara castilho

By claracastilho / 15 de Fevereiro de 2016 / Temas Sociais / Deixe o seu comentário

Assinalando o Dia dos Namorados, 14 de Fevereiro, a APAV apresentou uma nova campanha de sensibilização sobre violência no namoro: “Se te marcam, sabes com quem podes partilhar”.



A campanha foi desenvolvida pela CARMEN, agência criativa do YoungNetwork Group, que produziu a campanha de forma mecénática. Esta nova campanha de sensibilização tem um particular enfoque nas redes sociais.



ID: 63241254

21-02-2016

Amanhã é o Dia Europeu da Vítima de Crime

“Pessoas têm pedido ajuda com maior frequência à APAV”

As vítimas que solicitam o apoio à APAV de Ponta Delgada continuam a ser na sua maioria mulheres, mas os casos de homens que sofrem violência doméstica a recorrer à associação tem registado um aumento, nos últimos anos, segundo avança Sílvia Branco, do Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada. Em entrevista ao Diário dos Açores, a responsável refere que quase 80% das vítimas de violência doméstica eram, em 2014, mulheres, com idades entre 26 e 54 anos, casadas e com família nuclear com filhos. Já o autor do crime, é geralmente do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos. Os dados referem-se a 2014, uma vez que não foram ainda divulgadas as estatísticas relativas ao ano passado.

POR ALEXANDRA NARCISO

Os dados relativos ao ano 2015 ainda não foram divulgados, mas a tendência que tem sido registada desde que entrou em funcionamento o Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) em Ponta Delgada, no ano 2004, mantém-se. O número de pessoas a pedir ajuda à APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) tem vindo a aumentar e as situações apresentadas são, na maioria, casos de violência doméstica.

“Com base nos números que saíram em 2015 [relativos a 2014], e em comparação a desde que foi implementado o gabinete em Ponta Delgada, o que nós temos registado é um sucessivo aumento de processos de apoio à vítima, que às vezes significam a apresentação de uma queixa ou não. Realmente, as pessoas têm pedido ajuda com maior frequência à APAV”, avança Sílvia Branco, gestora do GAV, ao Diário dos Açores.

A propósito do Dia Europeu da Vítima de Crime, que se assinala amanhã, 22 de Fevereiro, lembramos que os Açores destacam-se no país por serem a região com maior percentagem de denúncias de crime de violência doméstica.

Sílvia Branco afirma que este aumento registado no gabinete de Ponta Delgada prende-se com o facto de haver uma “maior divulgação” sobre os serviços prestados pela APAV, “a nível social, psicológico e jurídico” e recorrem à associação para pedir informações.

A APAV tem por missão promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos vítimas de infracções penais, sendo uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia as vítimas de crime através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais.

“Num primeiro momento, aquilo



Sílvia Branco, do Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada

que a pessoa deseja é um esclarecimento, a nível de um processo-crime, sobre situações de violência doméstica, sobre o processo de revelação das responsabilidades parentais, sobre um processo de divórcio”, explica.

“Muitas das vezes, as pessoas chegam até nós quando ainda não passaram pela polícia ou pela autoridade judicial. Mas aqui, a pessoa não pode apresentar uma queixa. O que nós podemos fazer é orientá-la para se deslocar aos locais certos para o fazer”, acrescenta.

Os maus-tratos físicos e psicológicos são os que motivam a maior parte das denúncias por violência doméstica. Mas “a violência psicológica existe sempre, em paralelo com a física, havendo ainda os casos de ameaças e injúrias”, segundo refere Sílvia Branco. “Homens, mulheres, crianças, pessoas idosas, todas elas podem ser vítimas deste tipo de crime, podendo qualquer

uma delas pedir a nossa ajuda e a nossa intervenção”, sublinha.

“E quando falamos de vítimas de violência doméstica que são mulheres com filhos, temos sempre o cuidado de perceber se estes foram vítimas de violência directa ou indirecta” acrescenta ainda.

A vítima e o autor do crime

As vítimas de violência doméstica que chegam à delegação da APAV em Ponta Delgada são, maioritariamente, mulheres, com idades entre 26 e 54 anos, casadas e com família nuclear com filhos. Segundo os dados mais recentes, estas mulheres possuem o ensino básico (do 1.º ao 3.º ciclos) e estão empregadas. Relativamente, ao perfil do autor do crime, é maioritariamente do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos, casado e empregado.

Na maioria dos casos, há uma “relação de conjugalidade” entre o autor do crime e a vítima de violência doméstica. Mas há também as situações de violência entre pais e filhos, em que as vítimas podem ser tanto os primeiros como os segundos.

Apesar dos maus-tratos de que são alvo, a dependência emocional que existe entre a vítima e o agressor faz com que haja receio de dar continuidade ao processo, mesmo depois de efectuada a denúncia.

“Há uma relação de afectividade entre o agressor e a vítima que não podemos desvalorizar e que faz com que as pessoas tenham receio da proporção do processo e do que poderá acontecer ao alegado agressor”, explica Sílvia Branco.

“Isso acontece frequentemente no crime de violência doméstica de filhos para pais”, refere. “É muito complicado um pai chegar a tribunal e reiterar tudo

ID: 63241254

21-02-2016

A criação de contas conjuntas na rede social Facebook pode constituir uma forma “muito subtil” de violência no namoro, que “vai contra a individualidade das pessoas e da sua privacidade”

o que nos disse anteriormente. Num espaço fechado, há confidencialidade, mas quando chegam a tribunal sentem um impacto diferente”, salienta.

Mesmo depois de serem feitas as denúncias de crime, a continuidade dos processos é, por vezes, posta em causa. “Por exemplo, nos crimes de violência doméstica, violência no namoro ou abuso sexual, não é possível as pessoas desistirem da queixa. No entanto, as vítimas conseguem contornar a situação, não prestando declarações. Nós vemos isso como uma injustiça para ela, mas a continuidade do processo não depende de nós, mas sim da vontade da própria vítima”, lamenta.

Número de homens vítimas de crime também aumenta

“Começam a existir mais homens a recorrer à APAV”, indica Sílvia Branco. Segundo o relatório da APAV do ano passado, 19,3% das vítimas que recorreram à delegação micaelense da associação eram homens.



No caso dos homens, “são denunciados maioritariamente os maus-tratos psicológicos, mas também existem os maus-tratos físicos”. Neste último caso, com recurso a objectos. “Na violência física contra os homens, os membros superiores ou inferiores por parte da alegada agressora ou agressor não são tanto usados no acto, havendo sim o recurso a objectos”, explica Sílvia Branco.

Segundo a gestora do GAV de Ponta delgada, foi o “Sistema de Referenciação”, existente na Esquadra da PSP de Ponta Delgada, em parceria com a APAV, que veio permitir que um maior número de vítimas de crime do sexo masculino chegasse à associação.

Com o projecto, o encaminhamento para das vítimas para a APAV “veio ser facilitado”. “Somos nós que entramos em contacto com as vítimas e

agendamos a data e hora para falarem com as técnicas da associação, depois de se terem dirigido à PSP, e isto torna a situação mais fácil no caso dos homens”, explica.

Violência no namoro é uma preocupação

A APAV, através do pólo de formação, realiza várias acções de sensibilização nas escolas sobre a questão da violência no namoro, dirigidas aos alunos.

“Aquilo que nós verificamos é que há sempre um ou outro pedido de informação no final de cada sessão”, refere Sílvia Branco, que explica que os casos de violência no namoro são uma realidade preocupante, uma vez que os jovens, apesar de informados, “não conseguem reconhecer” os comportamentos abusivos nos compa-

nheiros.

“Recordo-me do caso de uma jovem que veio ao nosso gabinete e tinha terminado o namoro. Perguntei-lhe se ela tinha noção de que era vítima de violência no namoro, e respondeu-me que não era. Fui, então, buscar um folheto com um conjunto de acções que constituem uma situação de crime no âmbito de um namoro e ela identificou-se com os tópicos lá escritos”, conta a responsável.

Sílvia Branco aponta ainda como uma forma “muito subtil” de violência no namoro a criação de contas conjuntas na rede social Facebook, que “vai contra a individualidade das pessoas e da sua privacidade”.

“Eu devo falar com quem quero e bem entendido. O dizer ou não ao meu namorado quem aceitei como amigo no Facebook deve ficar ao meu critério. A partir do momento que temos contas em conjunto a decisão já não fica ao meu critério, porque a outra pessoa já vai ter acesso à conta. Isso pode ser uma forma subtil de controlo”, explica, sublinhando, no entanto, que cada caso é um caso.

A propósito do Dia Europeu da Vítima de Crime que se assinala amanhã, Sílvia Branco lembra que associações como a APAV existem para informar e dar o apoio necessário a quem é vítima de crime. “Todos nós, enquanto cidadãos temos os nossos direitos. Devemos, de uma forma informada, fazer com que todas as pessoas respeitem estes mesmos direitos e, por estes motivos, existem associações que têm os apoios necessários para que cada uma das pessoas que passa por uma situação de crime seja capaz de pedir ajuda e de ver a sua situação resolvida”.

alexandranarciso@diariodosacores.pt

981 crimes de violência doméstica em 2014

Segundo as estatísticas divulgadas no ano passado pela APAV, o GAV de Ponta Delgada registou 777 processos de apoio com atendimentos no ano de 2014, de entre os quais, foram acompanhadas 633 vítimas directas que foram alvo de 1.183 crimes e ou de outros actos violentos.

Dos crimes registados pelo gabinete, são os crimes contra as pessoas, “particularmente no que diz respeito à violência doméstica”, que sobressaem face aos restantes. Seguem-se os crimes de “ameaça/coacção”, “stalking/assédio persistente”, entre outros.

Só no que se refere aos crimes de violência doméstica, a APAV registou 408 casos de maus-tratos psíquicos e 254 de maus-tratos físicos, entre outros, que totalizaram os 981 casos.

Quanto à forma como é feito o contacto com o GAV de Ponta Delgada, na maioria dos casos (55,9%) é o próprio utente que recorre à APAV, sendo o contacto telefónico preferencial, com 71,9% dos registos em 2014. Através de contac-

to presencial, a associação registou cerca de 24% de casos. Por sua vez, os órgãos de polícia criminal, como a PSP, GNR e PJ, encaminharam cerca de 26% de utentes para os serviços do GAV.

De acordo com os mesmos dados, durante o ano de 2014, o apoio especializado jurídico da APAV (preenchimento de requerimentos, informação ao processos crime, etc.) destacou-se com 582 registos. Seguiu-se o apoio genérico (prestar informações sobre outras instituições, o reencaminhamento de correspondência, o apoio emocional) com um total de 402 registos.

A APAV sublinha que “só um trabalho integrado e multidisciplinar possibilita tirar partido de todos os recursos disponíveis”, destacando, neste sentido, a cooperação com outras entidades como “parte integrante e fundamental do trabalho realizado no apoio à vítima”. No relatório de 2014, a associação aponta a segurança social como “crucial no apoio à vítima”, com registos na ordem dos 28,1%.





Linha de Apoio à Vítima atendeu 17 chamadas por dia

Estatísticas

Maioria das chamadas recebidas na APAV diz respeito a situações de violência doméstica

A Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre Novembro de 2014 e Dezembro de 2015, uma média de 17 chamadas por dia, a maioria por maus tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica.

Neste período, o serviço da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu 3819 chamadas e abriu 2303 novos processos de apoio, segundo as “Estatísticas da Linha de Apoio à Vítima (LAV)” divulgadas ontem para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime.

Os dados, a que agência Lusa teve acesso, mostram que o crime contra as pessoas motivou 95,1% das chamadas, 66,4% das quais foram por maus tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica, 3,7% por ameaça/coacção e 3,1% por ofensas à integridade física.

O *stalking* (assédio persistente) motivou 1,9% das chamadas, o *bullying* 1,1%, os crimes patrimoniais 1,4% e a burla 0,4%, referem os dados, sublinhando que o tempo médio de cada chamada é de 13,5 minutos. Considerando as 1973 vítimas de crimes registados neste período, a APAV conseguiu traçar o perfil da vítima e do autor do crime.

A maior parte das vítimas (84%) são mulheres, com uma média de idade de 46 anos, casadas ou a vi-



Linha de Apoio à Vítima foi lançada em Novembro de 2014

ver em união de facto (59%), sendo que a maioria (51%) vive numa família nuclear com filhos, 47% têm o ensino superior e 43% estão empregadas.

Dos 310 casos em que a vítima era homem, a APAV constatou que tinham uma média de idade de 44 anos, 46% eram casados ou viviam em união de facto, 44% viviam numa família nuclear com filhos. Os dados indicam ainda que 48,8% destes homens tinham menos de 12 anos de escolaridade e 31,5% estavam empregados.

Relativamente às 103 crianças e jovens que foram vítimas de crime, 60% eram meninas, com uma média de idades de 11 anos, sendo que um quarto frequentava o primeiro ciclo, 13% o segundo ciclo e 7% o terceiro ciclo.

No caso dos idosos, que totalizam 286 casos, 81% eram mulheres, com uma média de idade de 77 anos, 62% eram casados ou viviam em união de facto e 25% viúvos.

Segundo as estatísticas, 41% vivem numa família nuclear com filhos, 86% tinham o ensino superior e 93% estavam reformados.

Sobre o perfil do agressor, a APAV refere que 83% são homens, com uma média de idade de 45 anos, 67% são casados ou vivem em união de facto, 54% tinham o ensino superior, 55% estavam empregados, 67% não tinham antecedentes criminais e 28,9% eram cônjuges da vítima.

A maior parte das chamadas para a LAV, um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, foi feita pela vítima (68,1%), seguindo-se os familiares (21,2%), os amigos e conhecidos (13,3%).

Lançada a 17 de Novembro de 2014, a linha, que corresponde ao número de apoio à vítima europeu (116 006), trabalha numa rede de parcerias com entidades judiciais e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido da vítima para as entidades competentes. O projecto “pretendeu criar, a nível nacional, um sistema integrado que permita uma triagem eficaz e uma resposta ajustada às necessidades das vítimas”, aos seus familiares e amigos.

Para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime e promover a LAV, a associação lança uma campanha de sensibilização com o tema “A violência esconde-se no silêncio”.

O Dia Europeu da Vítima de Crime foi instituído pelo Victim Support Europe para recordar os direitos das vítimas de crime.



Mulheres com mais queixas

Em pouco mais de um ano, Linha de Apoio à Vítima recebeu milhares de queixas. E maioria são de violência doméstica.

CARLA MARINA MENDES
cmendes@destak.pt

● São mulheres, na casa dos 40 anos, casadas ou em união de facto e com filhos. O retrato é feito pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e diz respeito às vítimas de violência doméstica que contactaram a associação através da Linha de Apoio à Vítima (116 006), um serviço de atendimento telefónico gratuito, confidencial e que, em pouco mais de um ano de existência, recebeu 3.819 chamadas telefónicas, a maioria associadas a crimes de violência doméstica.

O balanço, feito pela associação e divulgado no Dia Europeu da Vítima de Crime, dá conta de 3.634 chamadas recebidas só no ano passado, que motivaram a abertura de 2.303 novos processos de apoio. Ao todo, e sem surpresas, 95,1% das situações diziam respeito a crimes contra pessoas, sobretudo maus-tratos físicos e psíquicos no âmbito da violência doméstica (66,4%).

Feito o retrato da vítima, há que fazer o do agressor, mais uma vez com



As mulheres continuam a ser as principais vítimas, revela a APAV

recurso aos dados das 1.973 vítimas registadas pela APAV. E, também aqui, as surpresas não são grandes. Tratam-se de homens (83%), com idade média de 45 anos, casados ou em união de facto (67%), com ensino superior (54%) e com emprego (55%).

Ainda que em menor número, os homens podem ser também vítimas. A APAV contou 310 casos, que se juntam a 103 que envolveram menores

de 18 anos, a maioria do sexo feminino (60%) e 286 referentes a idosos.

Nova campanha

Partindo do mote “A violência esconde-se no silêncio”, a nova campanha de sensibilização da APAV, lançada ontem, tem como objetivo reforçar a presença da linha, chamando a atenção para a sua existência e para o apoio que pode dar a vários tipos de vítimas.



Registados 103 casos em que
vítimas eram crianças, 80%
meninas em média com 11 anos

Violência Desde novembro de 2014, Linha de Apoio recebeu total de 3819 chamadas, cerca de 17 por dia

Quase metade das vítimas têm licenciatura

Alexandra Inácio
alexandra.inacio@jn.pt

► Quase metade (47%) das vítimas que contactam a Linha de Apoio à Vítima da APAV têm ensino superior. Esse valor sobe para 59,2% quando a vítima é adulta e para 86% quando se trata de idosos. O relatório estatístico sobre o primeiro ano de atividade da linha foi divulgado ontem. Em média foram recebidas 17 denúncias

por dia. No total, desde novembro de 2014, quando começou a funcionar, a Linha de Apoio à Vítima (116006) recebeu 3819 chamadas, que resultaram na abertura de 2303 processos de apoio. Recorde-se que a linha faz o encaminhamento da vítima para as entidades competentes.

De acordo com os dados, a maioria das queixas são de mulheres (84%), com idade média de 46 anos, casadas (59%) ou a viver em união de

facto, mães (51%), empregadas (43%) e com o ensino superior (47%). Já a maioria dos agressores (83%) são homens, com idade média de 45 anos, casados (67%), com o ensino superior (54%), empregados (55%) e sem antecedentes criminais (67%), sendo que quase um terço são cônjuges das vítimas. Para Sónia Reis, coordenadora da Linha, a elevada percentagem de pessoas com formação superior prova "que a violência doméstica atinge qualquer extrato social. Muitos ligam por desconhecerem os seus direitos e quererem saber a quem pedir ajuda ou como podem apresentar queixa. Outros para saberem como se podem proteger".

A esmagadora maioria das chamadas (95,1%) denunciam crimes contra pessoas, 66,4% dos quais referentes a maus tratos físicos e psicológicos, no âmbito da violência doméstica, 3,7% são ameaças e 3,1% ofensas à integridade física simples. A maioria das vítimas idosas (com mais de 65 anos) também são mulheres (81%), tal como quando são crianças (60%). Foram registados 310 casos em que as vítimas são homens. ●

VIOLÊNCIA E CRIME

Metade das vítimas tem curso superior

Quase metade das 1973 vítimas de violência e crime que ligaram para a Linha de Apoio da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), entre novembro de 2014 e dezembro do ano passado, tem um curso superior. As mulheres são 84%

(1657) das vítimas, tendo existido 310 homens. Entre as vítimas estão 103 menores (5,2% do total) e 286 idosos (14,5%).

A Linha de Apoio à Vítima, que só funciona nos dias úteis e entre as 09h00 e as 18h00, recebe uma média de 17 chamadas por dia - mais de 3600 por ano. Inaugurada em novembro de 2014, registou 3968 crimes - a maior parte (66,4%) maus-tratos físicos e psíquicos em casos de violência doméstica. ●S.A.V.

LINHA DE APOIO

3968 CRIMES E OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA





Linha de Apoio à Vítima com 17 chamadas por dia

APAV A Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre Novembro de 2014 e Dezembro de 2015, uma média de 17 chamadas por dia, a maioria por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica.

Neste período, o serviço da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu 3.819 chamadas e abriu 2.303 novos processos de apoio, segundo as "Estatísticas da Linha de Apoio à Vítima (LAV)" ontem divulgadas para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime.

Os dados mostram que o crime contra as pessoas motivou 95,1 das chamadas, 66,4% das quais foram por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica, 3,7% por ameaça/coacção e 3,1% por ofensas à integridade física. O "stalking" (assédio persistente) motivou 1,9% das chamadas, o "bullying" 1,1%, os crimes patrimoniais 1,4% e a burla 0,4%, referem os dados, sublinhando que o tempo médio de cada chamada é de 13,5 minutos. Considerando as 1.973 vítimas de crimes registados neste período, a APAV conseguiu traçar o perfil da vítima e do autor do crime.

A maior parte das vítimas (84%) são mulheres, com uma média de idade de 46 anos, ca-



sadas ou a viver em união de facto (59%), sendo que a maioria (51%) vive numa família nuclear com filhos, 47% têm o ensino superior e 43% estão empregadas.

Dos 310 casos em que a vítima era homem, a APAV constatou que tinham uma média de idade de 44 anos, 46% eram casados ou viviam em união de facto, 44% viviam numa família nuclear com filhos. Os dados indicam ainda que 48,8% destes homens tinham abaixo dos 12 anos de escolaridade e 31,5% estavam empregados.

Relativamente às 103 crianças e jovens que foram vítimas de crime, 60% eram meninas, com uma média de idades de 11 anos, sendo que um quarto frequentava o primeiro ciclo, 13% o segundo ciclo e 7% o terceiro ciclo.

No caso dos seniores, que totalizaram 286 casos, 81% eram mulheres, com uma média de idade de 77 anos, 62% eram casados ou viviam em união de facto e 25% viúvos. ◀



Victim support helpline receiving 17 domestic abuse-related calls a day

Between November 2014 and December 2015 the APAV victim support helpline took an average of 17 calls a day, the majority of them relating to situations of physical and psychological abuse within a context of domestic violence.

During the aforementioned period the Portuguese Association for Victim Support's (APAV) helpline service took 3,819 phone calls and opened 2,303 new proceedings for support.

This is according to statistics from the association released this week to mark European Day for Victims of Crime.

Crimes against people spurred the vast majority of the calls (95.1 percent of the phone calls), more than half of which (66.4 percent) related to physical and psychological abuse within a context of domestic violence, 3.7 percent denounced situations of threats and coercion, and 3.1 percent for bodily harm.

Cases of stalking and bullying were behind 1.9 percent and 1.1 percent of phone calls respectively, while property damage and theft were responsible for 1.4 percent and 0.4 percent of calls, respectively.

On average each phone call lasted around 13.5 minutes.

Given that 1,973 victims of crimes were registered during the above-mentioned timeframe, APAV traced a profile of both the victims and the aggressors.

The majority of victims were female, with an average age of 46, married or living with a partner and just over half (51 percent) had children at home.

A large percentage of female victims (47 percent) had a degree and 43 percent were employed.

Of the 310 cases in which

the victim was male, APAV established that they were aged around 44, close to half (46 percent) were married or living with their partner, and 44 percent had children still living in the home.

Almost 49 percent of the men had only secondary schooling, and 31.5 percent were employed.

Regarding the 103 children and youngsters who were the victims of crime, the majority (60 percent) were girls aged around 11, and regarding the elderly, who represented 286 cases, 81 percent of the victims were female and aged around 77.

Launched on 17 November 2014 the helpline - which uses the same number as the European victim helpline, 116 006 - works as part of a network with judicial and police authorities.

It affords a swifter channelling of victims to competent authorities.

The project aimed to "create at a national level, an integrated system that allows the efficient screening and an adjusted response to the needs of victims", their families and friends.

To mark European Day for Victims of Crime and promote the APAV victim support helpline, the association launched an awareness campaign with the theme 'Violence lurks in silence.'

European Day for Victims of Crime was established by Victim Support Europe to reiterate the rights of crime victims.



“Se te marcam sabes com quem podes partilhar”

Campanha da APAV alerta para a violência no namoro

“Se te marcam sabes com quem podes partilhar”. É este o mote da mais recente campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no âmbito da sensibilização para a violência no namoro entre jovens.

Lançada precisamente no Dia dos Namorados, a 14 de fevereiro, esta campanha conta com o apoio de algumas figuras públicas. Assenta em imagens que apelam a um debate e consciencialização da sociedade para um flagelo que incide nas camadas mais jovens e insistem na necessária apreensão da violência, tanto física como psicológica, como atentados à integridade humana.

A APAV lembra que a “violência física é infligida diretamente no corpo através de esmurrar, pontapear, estrangular, provocar queimaduras, empurrar contra objetos ou apertar

com demasiada força e deixa marcas visíveis”. Já a “violência sexual é de cariz físico e implica o forçar o companheiro a ter relações sexuais quando não quer, pressionar, forçar ou tentar manter relações sexuais desprotegidas ou forçar a que tenha relações com outras pessoas”.

A violência psicológica diz respeito a uma necessidade de “controlo e domínio sobre a vítima – parte ou estraga objetos, define o que pode vestir, controla os tempos livres e momentos do dia, liga ou envia constantemente mensagens, ameaça e utiliza estratégias de pressão psicológica, destrói a autoestima”.

“Não podemos permitir que os nossos jovens pensem na violência, quer física como psicológica, como normal e que desculpem atos de abusos. Estamos a formar o futuro da

nossa sociedade sem a educarmos ou esclarecermos. Violência não é normal nem pode ser perdoada. É urgente alterar mentalidades. Estar consciente. Hoje”, sublinha Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV.

Simbolicamente lançada no dia 14 de fevereiro, como uma partilha nas redes sociais, a campanha contou com o apoio de algumas figuras públicas como Catarina Gouveia, Jessica Athayde, Rui Maria Pêgo, Maria Botelho Moniz, Diana Bouça-Nova, Susana Arrais, Andreia Rodrigues, Blaya, Gabrielã Barros, Irma Dali, Susana Arrais, João Paulo Sousa e Ana Luísa Barbosa.

Com a assinatura da CARMEN, agência criativa do YoungNetwork Group, a campanha é dirigida a um público entre os 13 e os 25 anos e as-

enta numa estratégia de aproximação à linguagem utilizada pelos jovens - as redes sociais.

Um ambiente luminoso, amigos, um momento de diversão. O consequente post. O contraste entre uma aparente felicidade e quem sofre de violência mas se esforça por conseguir ocultar a situação. Um alerta para a violência do foro privado que, nem sempre, é visível ou denunciado. Num jogo de palavras, “marcar” e “partilhar” estão aqui associados a uma situação negativa apelando à denúncia por parte da vítima.

A campanha é composta por duas imagens em que as vítimas são distintas e a forma de violência sobre as mesmas também. Um homem e uma mulher. Violência física e violência psicológica. “Se te marcam sabes com quem podes partilhar”. Com a APAV.

Linha de Apoio à Vítima atendeu 17 chamadas por dia

A maioria das chamadas foram feitas por violência doméstica

A Linha de Apoio à Vítima da APAV atendeu, entre Novembro de 2014 e Dezembro de 2015, uma média de 17 chamadas por dia, a maioria por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica. O tempo médio de cada chamada foi de 13,5 minutos.

Neste período, o serviço da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu 3.819 chamadas e abriu 2.303 novos processos de apoio, segundo as "Estatísticas da Linha de Apoio à Vítima (LAV)" ontem divulgadas para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime.

Os dados, disponíveis no site da APAV, mostram que o crime contra as pessoas motivou 95,1 das chamadas, 66,4% das quais foram por maus-tratos físicos e psíquicos, no âmbito da violência doméstica, 3,7% por ameaça/coação e 3,1% por ofensas à integridade física.

Os crimes patrimoniais correspondem a 1,4%, outras formas de violência 2,9% e outros crimes 0,4%.

Ainda segundo os dados, são anunciados valores no que toca ao Stalking/Assédio Persistente, na ordem dos 1,9%, Bullying, 1,1% e Burla, 0,4%.

Perfis: Vítima e autor(a) do crime

De acordo com os dados apurados pela APAV entre Novembro de 2014 e Dezembro de 2015 e considerando as 1.973 vítimas de crime registadas neste período, foi possível traçar os seguintes perfis gerais da vítima e do(a) autor do crime, bem como alguns perfis mais específicos da vítima.

No que toca ao perfil da vítima, 84% são do sexo feminino, com idade média de 46 anos, 59% é casada ou vive em união de facto, 51% vive numa família nuclear com filhos, 47% com ensino superior e 43% está empregada.

No que diz respeito ao perfil do(a) autor(a) do crime, os dados indicam que 83% são do sexo masculino, com idade média de 45 anos, 67% é casado ou vive em união de facto, 54% com ensino supe-



rior, 55% está empregado, 67% sem antecedentes criminais e 28,9% são conjugues da vítima.

Quando a vítima é homem, de acordo com os 310 casos registados, os visados têm idade média de 44 anos, 46,1% é casado ou vive em união de facto, 44% vive em família nuclear com filhos, 48,8% abaixo dos 12 anos de escolaridade e 31,5% está empregado.

Quando a vítima é criança/jovem com idade inferior ou menor aos 18 anos, e dos 103 casos registados, 60% são do sexo feminino, idade média de 11 anos, 25% frequenta o 1.º Ciclo, 13% frequenta o 2.º Ciclo e 7% frequenta o 3.º Ciclo.

Quando a vítima é idoso(a) com mais 65 anos, dos 286 casos registados, 81% são mulheres, idade média de 77 anos, 62% é casado ou vive em união

de facto, 25% é viúvo(a), 41% vive em família nuclear com filhos, 86% com ensino superior e 93% está reformado(a) ou na reserva.

Quando a vítima é adulto(a), dos 1302 casos registados, 87% são mulheres, idade média de 52 anos, 62% é casado ou vive em união de facto, 52,4% vive numa família nuclear com filhos, 59,2% com ensino superior e 53% está desempregado.

Recorde-se que a Linha de Apoio à Vítima (LAV) iniciou o seu funcionamento no dia 17 de Novembro de 2014, tendo registado nesse ano 185 chamadas.

A LAV – 116 006 – é um serviço de atendimento telefónico da APAV, gratuito e confidencial, adequado às necessidades de cada vítima de crime e/ou violência.

BRIEFING

Os Negócios do Marketing

APAV quebra silêncio das vítimas, com a Human

segunda, 22 fevereiro 2016 12:09

tamanho da fonte | Imprimir | E-mail



A propósito do Dia Europeu da Vítima de Crime, instituído pelo Victim Support Europe, a APAV aposta numa campanha de sensibilização sob o mote "A violência esconde-se no silêncio". Com criatividade da agência Human, pretende-se promover a Linha de Apoio à Vítima.

A campanha já esteve presente nos outdoors da Câmara Municipal de Lisboa em dezembro passado, mas agora é lançada de forma mais intensa em vários meios - TV, outdoor, imprensa, flyers - para assinalar o Dia Europeu da Vítima de Crime, a 22 de fevereiro.

A APAV vem, desta forma, promover a Linha de Apoio à Vítima (LAV) - 116 006 - corresponde ao número de apoio à vítima europeu. Trata-se de "um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, adequado às necessidades de cada vítima de crime e/ou violência, que trabalha numa rede de parcerias com as entidades judiciárias e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido do caso da vítima para as entidades competentes".

Com a introdução do número europeu de apoio a vítimas de crime em Portugal, através da Linha de Apoio à Vítima da APAV, pretende-se contribuir para o caminho da padronização do apoio à vítima na Europa, possibilitando o alargamento do apoio às vítimas de crime, independentemente da sua localização na União Europeia.

MARKETEER

APAV lembra vítimas que sofrem em silêncio

🕒 22/02/2016 📍 Notícias 💬 0



"A violência esconde-se no silêncio" é o mote da campanha da APAV que aproveita o Dia Europeu da Vítima de Crime, assinalado hoje, para sensibilizar para o tema. Assinada pela Human Lisboa, a campanha pretende ainda promover a Linha de Apoio à Vítima (116 006) que permite triar os pedidos de ajuda e encaminhá-los para os locais ou entidades correctas.

A APAV lembra ainda que esta é uma iniciativa europeia que possibilitou o alargamento do apoio, independentemente da sua localização dentro das fronteiras da UE. "A introdução de um número europeu de apoio às vítimas de crime em Portugal, através da Linha de Apoio à Vítima da APAV, surge como um objectivo há muito ambicionado e pretende contribuir para o caminho da padronização do apoio à vítima na Europa", explica a associação em comunicado.

Recentemente, a APAV lançou também uma campanha contra a violência no namoro. Em "**Se te marcam, sabes com quem podes partilhar**", a associação adoptou uma nova abordagem menos pesada e direccionada a um público mais jovem.



Misóginos

B

ZOOM // MULHERES. USAR E DEITAR FORA

Misoginia. A palavra é difícil, e o seu significado duríssimo. A aversão continua a existir: à sua volta, há homens que odeiam mulheres

TEXTOS *Mariana Madrinha*

ILUSTRAÇÃO *José Fonseca*





B Zoom // Misóginos

Os homens que odiavam, odeiam e odiarão mulheres

Os homens que odeiam mulheres são bem mais que o título de um filme. A misoginia define-se por um rancor total pelo sexo feminino e está documentada desde a Antiguidade. A julgar pelos números da APAV, continuará a existir

MARIANA MADRINHA
mariana.madrinha@ionline.pt

Não falamos de ciúmes, de machismo ou de sexismo. Este artigo é sobre algo que vai (ainda) mais além: a misoginia. E como a maioria dos temas que enchem as páginas dos jornais, não surge desfasado da atualidade.

Referimo-nos a Manuel Maria Carrilho, já apelidado de misógino de forma mais ou menos explícita na imprensa. Misoginia é uma repulsa profunda do homem pelo género feminino – que nada tem a ver com questões sexuais – que pode ou não incluir manifestações de violência física, mas inclui sempre ataques verbais.

A própria raiz latina do nome, que significa literalmente ódio às mulheres, denuncia a longevidade do (à falta de melhor expressão) problema. Há, houve e haverá homens que odeiam mulheres. E desengane-se quem traçar na sua cabeça o perfil de um homem iletrado, desinteressado e desinteressante. Tome-se o exemplo presente: Manuel Maria Carrilho licenciou-se e doutorou-se em Filosofia, é professor catedrático, foi ministro da Cultura, deputado e embaixador de Portugal na UNESCO. Candidatou-se à Câmara Municipal de Lisboa em 2005. A campanha foi, na altura, feita “em tons de rosa choque”, como descreveram alguns jornais. O candidato fazia-se acompanhar da mulher, Bárbara Guimarães – contra a qual agora se digladiava em tribunal, acusado de violência doméstica – e do filho mais velho, Dinis, que agora presta declarações sobre o casamento dos pais.

Quem os viu não podia imaginar o que agora vê. Mas não é fácil detetar um misógino: os psicólogos definem-nos como pessoas socialmente “normais”, com vidas iguais às de tantos de nós mas que, no seu íntimo, carregam um ódio visceral às mulheres. Este sentimento, irracional e inconsciente, surge quase sempre no início da vida, decorrente de algum tipo de desilusão com uma figura feminina anteriormente importante e confiável para estes homens.

A MULHER FOI O SEGUNDO ERRO DE DEUS
Ver a mulher como ser submisso, infe-

rior e menos dotado de capacidades intelectuais foi, ao longo da história da sociedade ocidental, prática comum e socialmente aceite. No entanto, alguns pensadores deixaram uma marca indelével de ódio que ia para além do seu tempo, denotando assim comportamentos misóginos.

Friedrich Nietzsche, reputadíssimo filósofo, poeta e compositor alemão do século XIX, foi também autor de reflexões (verdadeiras pérolas, diga-se de passagem) sobre o sexo feminino. “Quando do amor e o ódio não concorrem ao jogo, o jogo da mulher torna-se mediocre”, “ao sair para encontrar uma mulher não se esqueça do chicote” ou “a mulher foi o segundo erro de Deus” são apenas algumas delas.

Também Sigmund Freud, o pai da psicanálise, teceu ao longo da sua carreira

algumas considerações menos abonatórias para as mulheres. Por exemplo, considerou-as biologicamente “mais suscetíveis de serem neuróticas” e disse que, depois de “30 anos de pesquisas”, ainda não sabia o que as mulheres queriam.

Estas afirmações são longínquas, podem não ter matado, mas continuam a moer. Pode parecer quase inócuo que Freud tenha feito estas declarações, mas tendo em conta que partiram de um dos mais citados nomes quando se fala das questões da mente humana, obviamente, o peso é diferente. São estas e outras ideias que se foram infiltrando no discurso, qual afluente a correr para um rio. E tudo aquilo de que os homens que odeiam mulheres menos precisam é de validação da sociedade.

Há dias, o “Expresso” dava conta de uma personagem de seu cibernome Roosh V, um blogger norte-americano que se diz inventor de uma nova filosofia de vida, a “neomasculinidade”. Entre as propostas deste homem há uma especialmente chocante e que lhe valeu o epíteto de “o homem mais odiado do mundo”. Roosh V defende que a “violação dentro de casa deveria ser legalizada”.

APAV RECEBE 17 CHAMADAS POR DIA No início desta semana celebrou-se o Dia Europeu da Vítima da Crise, tendo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) escolhido esta data para divulgar as estatísticas da instituição.

Desde 17 de novembro de 2014 que a APAV tem uma linha de apoio à vítima. Até ao fim desse ano foram recebidas 185 chamadas. Em 2015, o número fixou-se nas 3634, o que significa que 17 pessoas ligam por dia a pedir ajuda. No decorrer dos telefonemas foram abertos 2303 novos processos de apoio.

Segundo as estatísticas da APAV, foram cometidos 3968 crimes e outras formas de violência. Deste total, 66,4% dos crimes são “por maus-tratos físicos e psicológicos no âmbito da violência doméstica”. De acordo com “dados apurados pela APAV entre novembro de 2014 e dezembro de 2015”, 84% das vítimas são do sexo feminino. A esmagadora maioria dos autores do crime (83%) são... homens.

O norte-americano
Roosh V escreveu
no seu blogue
que “a violação
dentro de casa devia
ser legalizada”

Segundo dados
revelados pela APAV,
84% das vítimas de
maus-tratos são
mulheres vítimas de
violência doméstica





Sabia que uma em cada três mulheres no mundo é vítima de violência doméstica?

Carina Néri
Enfermeira
na Unidade
de Cuidados
na Comunidade
de Viseu



A 22 de fevereiro a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), celebrou o Dia Europeu da Vítima de Crime. Este é um dia para reconhecer a situação das vítimas em todos os lugares do mundo... Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada três mulheres no mundo é vítima de violência doméstica.

A violência doméstica engloba diferentes tipos de abuso, tais como: violência emocional ou psicológica, violência social, violência física, violência sexual, violência financeira e perseguição.

Na verdade não é preciso ser agredida fisicamente para se estar numa relação violenta. A violência psicológica, muitas vezes silenciosa, pode ser tão ou mais nefasta que a violência fi-

sica e pode deixar danos irreparáveis para o resto da vida. Este tipo de violência é difícil de identificar apesar de ser muito frequente. Por ser tão subtil tende a ser desvalorizada pela sociedade, mas muitas vezes, também pela própria vítima, que não tem noção que está a ser alvo deste tipo de agressão!

Os sintomas apresentados pelas pessoas que sofrem de violência psicológica refletem muitas vezes, o stress de lidar repetidamente com as agressões verbais, humilhações e isolamento social. Estes sintomas podem potenciar em algumas pessoas o consumo de substâncias (drogas, como álcool e tabaco e automedicação), acarretando um aumento de riscos para a saúde.

A principal diferença entre violência doméstica física e psicológica é que a primeira envolve atos de agressão corporal à vítima, enquanto a segunda forma de agressão decorre de palavras, gesto e até mesmo olhares, sem necessariamente ocorrer o contato físico.

Existem algumas questões que podem ajudar a pessoa a perceber se está a ser vítima do crime de violência doméstica, tais como:

Tem medo do temperamento do seu

parceiro(a)?

Tem medo da reação dele(a) quando não têm a mesma opinião?

Ele(a) constantemente ignora os seus sentimentos?

O seu parceiro(a) goza com as coisas que lhe diz?

O seu parceiro(a) quer determinar o modo como se veste, pensa, come ou se expressa?

Procura ridicularizá-lo(a) ou fazê-lo(a) sentir-se mal em frente dos seus amigos ou de outras pessoas?

Alguma vez ele(a) ameaçou agredi-lo(a)?

Alguma vez ele(a) lhe bateu, deu um pontapé, empurrou ou lhe atirou com algum objeto?

Não pode estar com os seus amigos e com a sua família porque ele(a) tem ciúmes?

Alguma vez foi forçado(a) a ter relações sexuais?

Tem medo de dizer "não" quando não quer ter relações sexuais?

É forçado(a) a justificar tudo o que faz?

Critica o seu corpo de forma ofensiva e considera como uma "brincadeira"?

Já foi acusado(a) injustamente de estar envolvida ou ter relações sexuais com outras pessoas?

Sempre que quer sair tem que lhe pedir autorização?

Se sofre de violência não se isole. Procure apoio junto da família, amigos e/ou equipa de saúde familiar. Existem profissionais habituados para a/o ajudar a resolver o seu problema.

Sabia que a violência doméstica assume a natureza de crime público? Se é conhecedor de uma situação de violência doméstica, mesmo psicológica, não hesite. Apresente queixa na PSP, GNR, PJ ou diretamente no Ministério Público.

Alguns contactos e apoios úteis:

A APAV apoia as vítimas de TODOS os crimes, seus familiares e amigos:

- pela Linha de Apoio à Vítima 116 006 (chamada gratuita)

- diretamente num dos Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV

- por email apav.sede@apav.pt

NAVVD

- Edifício do Centro Distrital da Segurança Social de Viseu. Avenida António José de Almeida 14 - 1 andar Gabinete 1 - 3510-042 Viseu

- 916939640. ◀

APAV lança manual de apoio a técnicos que recebem migrantes

SARA SILVA ALVES 24/02/2016 - 18:47

Objectivo do manual passa por facilitar o processo de migração para os migrantes e para os técnicos.



Um manual de apoio aos técnicos que recebem migrantes de toda a Europa será lançado pela APAV, na próxima quinta-feira, na sede nacional da Cruz Vermelha Portuguesa. O livro contém sugestões e orientações para minimizar o impacto da migração nos migrantes e nos técnicos.

A iniciativa contém várias sugestões para situações que possam surgir no decorrer dos processos de apoio. "Estratégias de comunicação, procedimentos para lidar com *burnout* ou stress pós-traumático bem como indicações de quando devem os envolvidos serem enviados para clínicas psiquiátricas especializadas" fazem parte do rol de instruções, segundo explicou ao PÚBLICO Bruno Brito, assessor técnico da direcção da APAV e psicólogo especialista em traumatologia.

Pretende-se antever e dar resposta a situações problemáticas com *guidelines* directas. Esta iniciativa visa tornar mais fácil o desafio colocado aos países europeus ao "nível do acolhimento elementar e ao nível da sua integração", avança a APAV em comunicado.


Ciente de todos os problemas que os refugiados vivem crescendo as diferenças culturais, a APAV, em conjunto com a Cruz Vermelha, lança este "Manual de Apoio Psicossocial a Migrantes" onde o objectivo passa também por colmatar as áreas com menos informação. "Dos muitos contributos que têm surgido para o apoio a técnicos, a área do trauma psicológico era uma das que mais carecia de informação precisa e orientações.", nota a associação em comunicado.

Para a elaboração do manual, a APAV contou com as experiências recolhidas ao longo dos anos junto das vítimas e também com o conhecimento dos profissionais que diariamente gerem e apoiam situações de apoio em diferentes cenários de crise.



Corrida da Solidariedade: 10 km para ajudar a APAV

08/02/2016 - 12:18 | **OUTDOOR E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

 texto
Ana Luísa Bernardino



As inscrições já abriram. O percurso é junto ao rio Tejo, em Lisboa.

Ajudar quem precisa e queimar calorias: cá está uma boa ideia. E quem precisa é a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), e os que vão queimar calorias só vão ter de correr dez quilómetros, aqui com umas aspas no "só", porque nem toda a gente tem preparação para fazer a distância com uma perna às costas. A prova começa na Rua 1.º de Maio (perto do Largo do Calvário), vai sempre junto ao Tejo até ao Mercado da Ribeira, perto do Cais do Sodré, e volta para trás em direção a Algés. Há aí um retorno e a prova termina na Praça do Império, em frente a Mosteiro dos Jerónimos. Para quem não gosta de correr, há outra hipótese: a chamada Marcha das Famílias, uma caminhada de 3,5 quilómetros.

A **13ª Corrida de Solidariedade** ISCP SI acontece a 13 de março, com a partida a ser dada às 9h30. A todos os participantes é entregue um dorsal, com chip integrado, que é o que depois regista o lugar em que cada pessoa ficou, no final da prova. Deverá ser levantado entre 11 e 13 de março: **nos dois primeiros dias entre as 15 horas e as 21 horas e no dia da prova entre as 7 horas e as 8h30**. Além do dorsal, todos os participantes vão receber um kit de participação com um saco, uma T-shirt e outros brindes.

As inscrições para a corrida e para a marcha têm o valor de 8€, já estão abertas e podem ser feitas **online**, até 7 de março, às 23h59, que é a data limite.



ÚLTIMAS

APAV VOLTA AOS CONCERTOS

· 19 FEV 2016 · 14:34 ·



© João Vicente

O Espaço APAV & Cultura acolherá no próximo dia 25 de Fevereiro (19h30) aquele que será o primeiro concerto deste ano naquele local. Um trio composto por Ernesto Rodrigues (viola d'arco), Guilherme Rodrigues (violoncelo) e Carlos Santos (*laptop e field recordings*) irá ali trabalhar uma sessão de improvisação livre electro-acústica, retomando assim a actividade cultural na APAV após uma interrupção em 2015.

Já que o objectivo é "abrir a porta da APAV aos cidadãos, promovendo eventos culturais em aproximação à comunidade", nada melhor que a entrada ser livre. Que é.